

100 anos da Internacional Comunista

Declaração do Comité Central do KKE

O Comité Central do KKE homenageia o 100º aniversário da fundação da Internacional Comunista – IC (2 a 6 de março de 1919). Reconhecemos sua contribuição para o movimento operário e comunista internacional, enfatizando ao mesmo tempo a necessidade de tirar conclusões acerca da experiência que a IC acumulou em sua atividade.

A IC, fruto da vitória da Revolução Socialista de Outubro na Rússia (1917), respondeu à necessidade de coordenação e unidade do movimento operário revolucionário internacional. A IC foi uma contribuição importante no apoio e fortalecimento dos partidos comunistas em todo o mundo, mostrou solidariedade internacionalista desinteressada para com os povos oprimidos na luta concreta, como no caso da criação das «Brigadas Internacionais» ao lado do Exército Republicano da Espanha (1936-1938). A IC ofereceu apoio generalizado aos lutadores perseguidos em todo o mundo, levou a cabo uma atividade editorial e educativa, organizando escolas de quadro sobre a teoria revolucionária do marxismo-leninismo, além de operar redes para compartilhar informações políticas, que também incluía os jornalistas.

Os problemas e contradições na estratégia da IC que afetaram negativamente todos os partidos comunistas não negam sua contribuição ao Movimento Comunista Internacional. O legado da IC e o estudo de sua experiência são valiosos hoje para o reagrupamento do Movimento Comunista Internacional e para a elaboração de uma estratégia revolucionária unificada contra o poder capitalista.

Da Primeira Internacional à Terceira Internacional (Comunista)

1. Karl Marx e Friedrich Engels, desde o tempo das revoluções burguesas, enfatizaram o papel histórico da classe trabalhadora como a «coveira do capitalismo» e o caráter internacionalista de sua luta. Eles estabeleceram a base científica para a necessidade e a possibilidade da revolução operária comunista e definiram, como condição prévia para sua vitória, a organização internacional do movimento revolucionário. Eles abordaram a questão da ligação entre a luta da classe trabalhadora pela conquista do poder e a guerra travada pelos estados burgueses entre si pela divisão dos mercados e das fontes de matérias-primas.

Marx e Engels abriram o caminho para a fundação da Associação Internacional de Trabalhadores ou Primeira Internacional, fundada em 28 de setembro de 1864 por associações sindicais operárias, sociedades de assistência mútua, grupos políticos e culturais e organizações conspirativas. A Primeira Internacional foi fundada como uma organização internacional com seções e núcleos em vários países. Fez um chamamento à solidariedade internacional para com os trabalhadores, advertindo a classe operária, particularmente os trabalhadores alemães e franceses, sobre o perigo de uma guerra franco-alemã que poderia se transformar em uma guerra de anexação. O Manifesto Inaugural da Primeira Internacional, inspirado no Manifesto do Partido Comunista, foi um documento importante para as lutas e a perspectiva geral da classe trabalhadora.

Em toda a trajetória da Primeira Internacional, Marx e Engels lideraram a luta teórica em seu meio contra percepções pequeno-burguesas e outras, que afastavam a classe



Cartaz desenhado por S. Ivanov
«Viva a III Internaci.onal Comunista!», 1920

trabalhadora do exercício de seu papel independente. Eles lutaram contra o oportunismo, o bakunismo, o lassalismo e o sindicalismo britânico (tradeunionismo).

Independentemente dos problemas de diversidade ideológica, dado que suas organizações não haviam adotado o socialismo científico, a Primeira Internacional contribuiu para o fortalecimento da atividade dos sindicatos nos níveis nacional e internacional e para o desenvolvimento da natureza política de suas atividades.

Além disso, deu impulso à compreensão da necessidade de criação de partidos políticos dos trabalhadores. Sua dissolução (1876) foi o resultado de sua incapacidade de cumprir com seu papel em condições de novas exigências, o que ficou evidente após a derrota da Comuna de Paris (1871), em um período em que o capitalismo passou à sua fase superior e final, a fase imperialista.

2. A Segunda Internacional foi fundada em 14 de julho de 1889 em Paris, 100 anos após a eclosão da Revolução Francesa e a tomada da Bastilha, em um período de rápido desenvolvimento e expansão do sistema capitalista mundial, com a formação de monopólios e do capital financeiro, bem como o rápido desenvolvimento do movimento operário. Baseou-se principalmente nos partidos formados pelas antigas associações e pelos grupos da Primeira Internacional, nos quais – apesar do fato de o marxismo ter se tornado a corrente dominante no movimento operário – havia uma influência das forças reformistas, anarcossindicalistas e outras forças oportunistas. A maioria dos partidos eram frágeis no nível organizacional, político-ideológico e estavam sob pressão para restringir sua luta nos marcos da legalidade burguesa.

No final, o predomínio do reformismo nos partidos da Segunda Internacional contou com o apoio material objetivo no interior das sociedades capitalistas desenvolvidas do Ocidente, na medida em que a exploração das colônias lhes deu a oportunidade de fazer concessões à classe trabalhadora e criar uma extensa aristocracia operária.

A Segunda Internacional não funcionou como um centro revolucionário internacional, uma vez que não se constituiu como um órgão de direção única, nem tinha um único

Programa e Estatuto, tampouco editou um órgão de imprensa, enquanto as resoluções dos seus Congressos não eram consideradas obrigatórias para os partidos nacionais. A Segunda Internacional (1916) foi dissolvida por causa do predomínio do desvio oportunista, que levou à traição dos interesses da classe trabalhadora em favor da burguesia na Primeira Guerra Mundial imperialista.

A maioria dos líderes da Segunda Internacional se encontraram em campos imperialistas opostos, e alguns até se tornaram ministros de guerra. Sua traição não foi algo inesperado, mas o resultado de uma linha reformista de colaboração com a burguesia em tempos de paz e «defesa da pátria burguesa» em tempos de guerra. O reformismo deu origem ao social-chauvinismo. Uma exceção brilhante foram os bolcheviques na Rússia sob a liderança de V.I.Lenin, os internacionalistas espartaquistas na Alemanha (Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Franz Mehring, etc.) e alguns socialistas balcânicos.

A Internacional Comunista – da fundação à autodissolução

3. A Primeira Guerra Mundial imperialista acelerou o processo de transformação dos partidos social-democratas em partidos burgueses contrarrevolucionários.

A vitoriosa Revolução Socialista de Outubro na Rússia em 1917 confirmou o potencial da classe trabalhadora de tomar o poder em suas mãos através da revolução.

Novamente se pôs na agenda a necessidade de formação de um único centro revolucionário internacional com os princípios e uma estrutura organizacional revolucionários, com base na teoria de Marx e Engels e na experiência da Revolução de Outubro. Lênin liderou a luta pela formação de tal centro. Ele colocou a questão da mudança dos programas dos partidos operários e da alteração de seus nomes para Partidos Comunistas, assim como a necessidade de fundar uma nova Internacional.

A Internacional Comunista foi fundada em condições de ascensão do movimento revolucionário na Europa, que se expressou principalmente por intermédio das revoltas dos trabalhadores na Finlândia (1918), na Alemanha (1918-1923) e na Hungria (1919), bem como através da atividade de vanguarda dos trabalhadores em todo o mundo, com greves, protestos e boicote do transporte de suprimentos de guerra durante a intervenção imperialista de 14 estados na Rússia revolucionária. A IC deu um grande impulso à fundação de partidos comunistas, independentemente do fato de que estes, embora adotassem suas declarações, não tinham ainda a maturidade política e ideológica para formar um programa e uma estratégia correspondente mediante uma elaboração científica.

4. No primeiro congresso fundador da IC, 52 delegados de 35 organizações de 31 países da Europa, América e Ásia participaram, enquanto alguns delegados não conseguiram chegar ao Congresso porque haviam sido detidos pelos governos burgueses. A fundação da Internacional Comunista formalizou a divisão em escala internacional e nacional que havia ocorrido em uma série de partidos social-democratas.

A plataforma do Congresso afirmou que: «Uma nova era surge. Tempo de desintegração do capitalismo, do seu colapso interno. Época da revolução comunista do proletariado ...». A plataforma programática da Internacional Comunista referiu-se à ditadura do proletariado, opôs-se à democracia burguesa por ser uma forma de ditadura do capital e criou um Manifesto para o proletariado internacional.

Em novembro de 1919, a Juventude Comunista Internacional foi fundada em Berlim para unir as forças revolucionárias da

100 anos da Internacional Comunista

juventude com base na linha geral da Internacional Comunista e promover demandas relativas às condições de educação, vida e trabalho dos jovens e a luta contra o militarismo. Em janeiro de 1920, a Federação Comunista dos Bálcãs foi fundada como o único centro dos partidos comunistas da região, cuja primeira decisão foi aderir à Internacional Comunista.

A Internacional Comunista teve que lutar contra a influência da social-democracia no movimento dos trabalhadores. Ao fim da guerra, os mecanismos burgueses e as forças oportunistas adaptaram-se às novas condições e, como resultado, em sua propaganda prevaleceu o pacifismo, em contradição com a necessidade de luta da classe trabalhadora pela conquista do poder. Com base nisso, se fundou de novo a Segunda Internacional, enquanto que, após a Terceira Internacional, funcionou durante uns poucos anos a chamada Segunda Internacional e Meia. Ambas as organizações mantiveram alguma influência no movimento operário, com o apoio até de governos burgueses. No nível internacional, lutaram contra o poder soviético. Ao mesmo tempo, a Segunda Internacional e a Segunda Internacional e Meia se uniram à Federação Internacional de Sindicatos de Amsterdã com o apoio da Organização Internacional do Trabalho, órgão da Liga das Nações imperialista, a fim de promover os ajustes burgueses necessários e a colaboração de classes.

5. O 2º Congresso da Internacional Comunista (Petrogrado e Moscou, 6-25 de julho de 1920) aprovou as Teses e os Estatutos. As Teses levantavam questões relativas à preparação imediata para a ditadura do proletariado, a formação em cada país de um único Partido Comunista, o reforço da atividade de grupos e partidos que reconheciam a ditadura do proletariado, a combinação do trabalho legal e ilegal. Ao mesmo tempo, elas consideravam que a atividade dos partidos e grupos estava ainda «longe de ter experimentado esta mudança fundamental, esta renovação radical que é necessária para que se reconheça a ação de um comunista, correspondente às tarefas prévias à ditadura do proletariado».

Um documento do Congresso de grande importância foi o texto sobre as 21 condições de admissão à Internacional Comunista, apresentado por Lenin, criticando os oportunistas e vacilantes delegados do Congresso, que argumentaram que o bolchevismo era um fenômeno russo. Ele destacou sua validade universal, que não entrava em contradição com nenhuma particularidade nacional. As mais básicas entre as 21 condições eram aquelas que tinham a ver com a limpeza dos partidos dos elementos socialdemocratas e reformistas, a aceitação do princípio do centralismo democrático em cada Partido Comunista e da Internacional Comunista, a expulsão daqueles que estavam em desacordo com as posições da Internacional Comunista, a condenação do pacifismo e do social-chauvinismo e, por extensão, do colonialismo.

Lenin, em sua importante obra «a doença infantil do esquerdismo no comunismo», debateu o sectarismo que rejeitava a necessidade da combinação de todas as formas de luta, o parlamentarismo e a luta de massas não parlamentar. No entanto, o choque necessário contra essa forma de desvio foi usado pelo oportunismo de direita para se fortalecer nas fileiras dos partidos da Internacional Comunista.

Enquanto decorria o 2º (e depois o 3º) Congresso da Internacional Comunista, foram realizadas conferências internacionais com mulheres delegadas sobre o trabalho especializado entre as mulheres. O Secretariado Internacional de Mulheres tinha sua sede em Moscou e atuou sob a liderança de Clara Zetkin.

6. O 3º Congresso da Internacional Comunista (Moscou, 22 junho – 12 julho, 1921) procurou melhorar a ação dos comunistas entre as forças operárias politicamente imaturas, pois a maioria dos trabalhadores sindicalizados permaneceu ligada aos partidos social-democratas, enquanto em alguns continuou a se dar um forte debate ideológico, como na Alemanha e na Itália.

Os levantes revolucionários na Finlândia, Alemanha e Hungria foram eventos históricos de grande importância. No entanto, o fato de não terem resultados vitoriosos levou a mudanças na correlação de forças. Ao mesmo tempo, o poder burguês se estabilizou e, como resultado, a questão «reforma ou



O Lenin no presidio do I Congresso da Internacional Comunista

revolução» foi levantada como ponto central do debate ideológico nas fileiras do movimento operário revolucionário. Havia forte pressão exercida pela influência da social-democracia nos sindicatos, em que os comunistas tinham pouca presença por causa da perseguição, da sua exclusão dos locais de trabalho e da propaganda reacionária generalizada para a «descomunicação» dos sindicatos.

O 3º Congresso lançou o slogan «rumo às massas» e a linha «frente operária única» que ajudaria, em condições não revolucionárias, a atividade conjunta dos trabalhadores influenciados por várias organizações políticas e sindicais.

O problema básico era que, nas novas condições não revolucionárias, os ensinamentos da linha revolucionária de luta nos sovietes não eram usados como experiência. De fevereiro a outubro de 1917, para alcançar uma maioria nos Sovietes, houve uma forte frente ideológica contra os mencheviques, oportunistas que eram minoria antes de 1917 no Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR).

Durante o 3º Congresso da Internacional Comunista, foi fundada (3 de julho 1921) a Internacional Sindical Vermelha (Profintern) com a participação de 220 delegados sindicais de todo o mundo que desejavam criar um movimento sindical na linha da luta revolucionária. As organizações sindicais que se juntaram à Profintern (tanto de forma direta como sindicatos simpatizantes ou como movimentos minoritários) contavam com cerca de 17 milhões de membros. O Profintern foi dissolvido no final de 1937, mas, essencialmente, tinha parado de funcionar antes, já que os Sindicatos Vermelhos, a partir de 1934, tinham começado a fundir-se com os reformistas no sentido de formar as frentes populares.

7. Após o 3º Congresso, a política da «Frente Única dos Trabalhadores» e as relações com a Social-Democracia constituíram uma base para o debate ideológico nos órgãos da Internacional Comunista. Alguns partidos comunistas interpretaram corretamente a «Frente Única dos Trabalhadores» como a luta pelo desenvolvimento da influência comunista junto às massas trabalhadoras e sua separação da social-democracia. Em outros casos, foi definido como um meio de pressão de baixo para mudar a linha de direção dos partidos social-democratas e alcançar a cooperação política de cima. Mas essa interpretação não foi confirmada.

O conflito terminou com a predominância da percepção em favor da colaboração com a social-democracia e inclusão da participação ou apoio dos comunistas em governos burgueses, adotada na resolução do IV Congresso da Internacional Comunista (Moscou, 7 de novembro – 3 de dezembro de 1922). O Congresso aceitou como possível a participação dos comunistas em um governo de trabalhadores e camponeses ou em um governo operário, que não seria ainda uma ditadura do proletariado, mesmo que não fosse considerado como um ponto de partida

historicamente inevitável para a ditadura do proletariado.

8. O 5º Congresso da Internacional Comunista (Moscou, 17 junho – 8 julho de 1924) concluiu que a essência do slogan «governo operário-camponês» coincidia com a ditadura do proletariado e deu atenção especial à bolchevização dos partidos comunistas, o que significou seu desenvolvimento de acordo com os princípios leninistas do Partido de Novo Tipo.

Em seguida, a IC, através de uma trajetória contraditória de mudanças em sua posição em relação à social-democracia, gradualmente enfraqueceu sua frente contra ela, embora esta última tenha se desenvolvido como uma força política contrarrevolucionária do poder burguês. Dessa forma, se fortaleceram as posições oportunistas de direita nas fileiras dos partidos da IC.

9. A discussão sobre o Programa da Internacional Comunista que começou no terceiro Congresso (1921) finalmente terminou no 6º Congresso (Moscou, 15 de julho a 1 de setembro de 1928).

No Programa, a análise leninista enfatizou corretamente que «a desigualdade no desenvolvimento econômico e político é uma lei absoluta do capitalismo» e, portanto, «segue-se que é possível que a vitória do socialismo comece com alguns países capitalistas, ou até mesmo por um único país capitalista». No entanto, se distinguiram três tipos básicos de revoluções na luta pela ditadura mundial do proletariado, com base na posição de cada país capitalista integrante do sistema imperialista internacional:

1. Países do capitalismo desenvolvido em que o passo direto para a ditadura do proletariado era impossível. 2. Países com um nível médio de desenvolvimento do capitalismo, onde a transformação democrática burguesa, na qual uma transição mais ou menos rápida da revolução social-democrata para a socialista era considerada possível, não foi completada. 3. Países coloniais ou semicoloniais, nos quais a transição para a ditadura do proletariado tinha como requisito todo um período para a transformação da revolução democrática burguesa em uma revolução socialista.

Foram subestimados o caráter internacional da era do capitalismo monopolista e o aguçamento da contradição básica entre capital e trabalho. Além disso, a análise da IC não foi orientada com base no fato objetivo de que o desenvolvimento desigual das economias capitalistas e as relações desiguais entre os estados não podem ser abolidas no terreno do capitalismo. Em última análise, o caráter da revolução em cada país



Capa da edição alemã do primeiro número revista «A Internacional Comunista», 1919



Manifestação «Viva a»

capitalista é objetivamente determinado pela contradição básica que é chamada a resolver, independentemente da mudança relativa na posição de cada país no sistema imperialista internacional. A partir do aguçamento da contradição básica entre capital e trabalho em cada país capitalista, na época do capitalismo monopolista, se depreendem o caráter socialista e as tarefas da revolução.

Foi subestimado o caráter da época como época de transição do capitalismo para o socialismo e o potencial das relações socialistas de produção como capazes de dar um grande impulso e de liberar o desenvolvimento das forças produtivas, tal como ficou demonstrado na União Soviética.

Equivocadamente, o imperialismo foi visto como uma forma de política externa violenta de alguns países – os mais fortes –, enquanto que no sistema imperialista se incluíam dezenas de países (o capitalismo monopolista também tinha sido formado na China e no Brasil). Ao mesmo tempo, sua caracterização como dependentes não levou em conta os interesses interconectados entre a burguesia estrangeira e a burguesia local.

Outro problema básico era que, no processo revolucionário, eram incluídas poderosas forças políticas e sociais burguesas que já estavam no poder, como na Turquia, bem como as classes burguesas do Marrocos, da Síria, etc.

O 6º Congresso Programático da Internacional Comunista corretamente apontou que «a guerra é inseparável do capitalismo». A partir desse argumento, descobriu-se que «a abolição da guerra só é possível através da abolição do capitalismo». O Congresso conclamou os trabalhadores a «converter a guerra que ameaçava explodir-se entre os estados imperialistas «numa guerra civil do proletariado contra a burguesia, a fim de estabelecer a ditadura do proletariado e o socialismo».

Quanto à natureza do fascismo, este fenômeno foi considerado uma forma de reação imperialista capitalista sob determinadas condições históricas», a fim de garantir um poder mais estável (...) à burguesia, obrigada a cada dia mais passar do sistema parlamentar para o regime fascista».

Em relação à social-democracia, avaliou-se que: “Muitas vezes, nos momentos mais cruciais para o capitalismo, ela desempenha abertamente um papel fascista”. Esta avaliação não estava correta. A realidade é que, antes da revolução socialista, a social-democracia às vezes trabalhava para acalmar a crise dos governos liberais burgueses e deixava espaço para sua alternância com os governos fascistas.

10. Antes do 7º Congresso do Comintern (Moscou, 25 julho – 21 agosto de 1935), o Partido Comunista Francês e o Partido Comunista de Espanha, de acordo com o Comité Executivo da Internacional Comunista, tinham procurado manter cooperação com partidos social-democratas. Finalmente, as frentes populares nesses países foram criadas em 1936, como cooperação política entre os partidos comunistas e partidos social-democratas e outros partidos burgueses e correntes

oportunistas e tomaram parte ou apoiaram governos que não questionaram o poder capitalista.

O 7º Congresso caracterizou a Segunda Guerra Mundial como imperialista, mas também deu prioridade à construção da frente política antifascista. Na verdade, determinou que o surgimento de um governo antifascista era uma forma de transição para o poder dos trabalhadores.

A avaliação do 6º Congresso sobre o caráter do fascismo foi substituída pela posição de que esta era “a ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro”. Adotou-se a avaliação problemática de que nos partidos social-democratas se manifestava “um curso de transformação revolucionária”, concluindo sobre a necessidade de “unificação dos partidos comunistas e socialistas”, sob a condição de que estes últimos reconhecessem a derrubada revolucionária da dominação da burguesia, a unidade de ação com os partidos comunistas e o funcionamento de um novo partido com base no centralismo democrático. O fato de que o 7º Congresso estabeleceu as condições acima não aboliu o essencial: de que se criavam falsas ilusões e um espírito de reconciliação, confusão e enfraquecimento da frente político-ideológica contra a social-democracia e o oportunismo.

Após a invasão da Alemanha nazista à União Soviética, a Internacional Comunista mudou sua posição sobre o caráter da guerra, definindo-a como antifascista e determinando que “... o golpe básico agora se dirige contra o fascismo ...” e “na fase atual não fazemos um chamamento pela derrubada do capitalismo nos vários países, nem por uma revolução global (...) desta luta não devemos excluir a seção da pequena burguesia, dos intelectuais e do campesinato que apoia abertamente o movimento de libertação nacional. Pelo contrário, temos de ganhá-los como aliados, e os comunistas devem fazer parte deste movimento como seu núcleo dirigente”.

Esta posição subestimava o fato de que o caráter da guerra é determinado pela classe que travou a guerra e a causa da guerra, tanto se foi inicialmente e em um momento específico de defesa ou ataque. A luta contra o fascismo e pela libertação da ocupação estrangeira, pelos direitos e liberdades democráticas foi separada da luta contra o capital.

As contradições na linha da IC no que diz respeito ao caráter da Segunda Guerra Mundial também foram afetadas pelas aspirações da política externa da URSS e pela tentativa de defendê-la de uma guerra imperialista. No entanto, em qualquer caso, as necessidades da política externa de um Estado socialista não podem substituir a necessidade de uma estratégia revolucionária para cada país capitalista. A segurança absoluta de um estado socialista é determinada pela vitória global do socialismo ou pela sua predominância em um forte grupo de países e, portanto, a luta pela revolução em cada país.

11. Em 15 de maio de 1943, no meio da guerra imperialista, a autodissolução da Internacional Comunista foi decidida sob proposta do seu presidium, tendo sido ratificada por todos os partidos comunistas. Justificou-se com base na avaliação de que cumpriu sua missão histórica como forma internacional de unidade do movimento comunista. Na decisão de sua dissolução, assinalou-se que desde o 7º Congresso havia sido enfatizado que o Comité Executivo, na solução de todos os problemas do movimento operário, deveria “atentar para as condições e particularidades concretas de cada país e evitar, como regra geral, a intervenção direta nos assuntos internos dos partidos comunistas”. Além disso, foi enfatizado que: “levando em consideração o crescimento e a maturidade política dos partidos comunistas e seus principais quadros nos vários países, e considerando também que, durante a atual guerra, uma série de seções levantou a questão de dissolver a Internacional Comunista como o principal centro do movimento internacional de trabalhadores, o Presidium do Comité Executivo da Internacional Comunista, incapaz, como resultado da guerra mundial em convocar um Congresso (...), propõe: Dissolver a Internacional Comunista (...)”.

J.V. Stalin justificou a autodissolução dizendo, entre outras coisas, que “evidencia a mentira dos hitleristas que afirmam que Moscou tenta imiscuir-se na vida de outras nações para bolchevizá-las”. A decisão da

autodissolução da IC estava em total contradição aos princípios que serviram à sua fundação. Estava em contradição ao espírito e à letra do Manifesto do Partido Comunista, ao princípio do internacionalismo proletário e à necessidade, em todas as circunstâncias, de uma estratégia revolucionária única dos partidos comunistas contra o imperialismo internacional. Outra coisa é a investigação da forma organizativa que o Movimento Comunista Internacional deve ter, seu modo de funcionamento e, é claro, sempre com a condição de formar uma estratégia revolucionária única.

12. Após a Segunda Guerra Mundial, surgiu a necessidade de uma ação unitária do Movimento Comunista Internacional frente ao contra-ataque internacional unificado do imperialismo. Isto foi expresso na formação do Bureau de Informação (Cominform) em Szklarska Poreba na Polónia (22-28 setembro de 1947) por representantes de nove Partidos Comunistas e Operários (URSS, Iugoslávia, Romênia, Bulgária, Polónia, Tchecoslováquia, Hungria, França e Itália). Na reunião de fundação, determinou-se que seu objetivo seria a troca de informações e a coordenação de atividades. De fato, o Escritório de Informação desempenhou um papel de liderança no Movimento Comunista Internacional, embora não pudesse substituir a necessidade da formação de uma nova Internacional Comunista. Foi dissolvida em 1956, como resultado da virada oportunista da direita (após o 20º Congresso do PCUS) e da crise que sofreu o Movimento Comunista Internacional.

Novas formas mais relaxadas de coordenação das atividades do Movimento Comunista Internacional se estabeleceram logo depois através de conferências internacionais de Partidos Comunistas e Operários, os quais, no entanto, não formaram a base para uma estratégia revolucionária única contra o sistema imperialista internacional.

O KKE e a Internacional Comunista

13. Antes da fundação da Internacional Comunista, o Partido Socialista dos Trabalhadores da Grécia (SEKE, mais tarde KKE), no seu Congresso de fundação (17 – 23 de novembro de 1918), sublinhou que “é declarada como a seção internacional em união e associação com os partidos de todos os países que lutam pela derrubada do capitalismo internacional e pelo triunfo do socialismo internacional”.

O 1º Conselho Nacional do SEKE (31 de maio a 5 de junho de 1919) renunciou à linha oportunista da Segunda Internacional e ordenou que o Comité Central começasse a preparar a adesão do Partido à Internacional Comunista. O SEKE, com seu delegado Dimosthenis Ligdopoulos, participou em janeiro de 1920 na fundação da Federação Comunista dos Bálcãs.

O 2º Congresso do SEKE (18 a 25 de abril de 1920) ratificou a adesão do Partido à Internacional Comunista, aceitando seus princípios e resoluções. Também decidiu acrescentar o termo “comunista” no nome do partido, o que refletia as novas elaborações da estratégia e estava vinculado à intenção de se juntar à Internacional Comunista. Depois houve um período de debate interno no Partido contra as forças que expressavam o desvio de direita no Partido e questionavam a estratégia revolucionária da Internacional Comunista em nome de “particularidades nacionais”.

Finalmente, o terceiro Congresso Extraordinário do SEKE (c) (26 novembro – 3 dezembro de 1924) decidiu aceitar explicitamente as resoluções da Internacional Comunista e da Federação Comunista dos Bálcãs e a mudança de nome do partido para Partido Comunista da Grécia (Seção Grega da Internacional Comunista).

O KKE recebeu ajuda importante da Internacional Comunista. Ao mesmo tempo, seu amadurecimento político-ideológico estava inevitavelmente ligado ao curso do Movimento Comunista Internacional, uma vez que a Internacional Comunista funcionava como um partido mundial.

As contínuas mudanças e diversificações na linha da Internacional Comunista (por exemplo, no conteúdo do governo operário-camponês), os problemas em posições básicas e elaborações (por exemplo, a estratégia da “democracia de esquerda” e a categorização dos países no 6º Congresso), tiveram um impacto negativo no desenvolvimento de sua estratégia.

A crítica à trajetória da Internacional Comunista faz parte da autocrítica do KKE; não anula sua história nem sua contribuição,



«Marcha de combatentes do Exército Vermelho durante o II Congresso: III Internacional - estado maior do exército proletário mundial»

100 anos da Internacional Comunista

tampouco nega a responsabilidade de cada seção partidária em relação ao movimento operário-popular em seu país e em escala internacional.

14. Na reunião do Comitê Central do KKE (2 de junho de 1943) foi aprovada a Resolução do Presidium do Comitê Executivo da Internacional Comunista sobre sua dissolução. A Resolução do Comitê Central declarou que “a dissolução (...) é atualmente a única ação apropriada de uma política marxista correta”. Além disso, que “a decisão da Internacional Comunista é a consequência lógica e a evolução da linha determinada por ela em seu 7º Congresso”, bem como a “dissolução dificulta a consolidação da luta nacional”. Posteriormente, o 7º Congresso do KKE (1 a 6 de outubro de 1945) adotou uma resolução sobre a “unidade política internacional da classe trabalhadora”. A resolução expressa “o desejo de incorporar o mais rapidamente possível todos os partidos operários do mundo, que acreditam no socialismo, independentemente de suas nuances, em uma nova organização política internacional exclusiva da classe trabalhadora”. Em essência, tratou da questão com base na cooperação dos partidos comunistas com os social-democratas em uma Internacional.

15. Para o KKE, a questão de uma avaliação completa da estratégia, trajetória e autodissolução da Internacional Comunista permanece aberta para uma análise mais aprofundada. Um fator importante para a continuação do estudo é a concentração das fontes necessárias que têm a ver com as discussões nos órgãos da Internacional Comunista, nos órgãos do Partido Comunista (b) e as discussões bilaterais dos partidos representados no Comitê Executivo da Internacional Comunista. A necessidade de organizar em nível internacional o movimento



O Manifesto e as resoluções do Congresso Fundacional foram difundidos ao mundo inteiro: edições na Áustria (1), Suécia (2), Letônia (3), Austrália (4), Itália (5), Bulgária (6)

operário deriva do caráter internacional da luta de classes. A questão da unidade ideológica e da estratégia revolucionária é a tarefa de cada partido comunista, enquanto que o grau de

sua promoção continua sendo uma questão atual.

O 20º Congresso KKE (de 30 de março a 2 de abril de 2017) confirmou que “o reagrupamento e desenvolvimento do Movimento Comunista Internacional é uma tarefa permanente e constante do nosso Partido”, que “deriva do caráter global da luta de classes”. Que “o Movimento Comunista Internacional está em retrocesso, com dificuldades para reagir ao ataque do adversário de classe que é travado não apenas com meios repressivos, mas também com meios político-ideológicos, através da influência do oportunismo”.

O KKE desenvolve iniciativas para desenvolver as condições que darão ímpeto à adoção de uma estratégia comum dos partidos comunistas através de várias formas convenientes, como, por exemplo, a Iniciativa Comunista Internacional e a “Revista Comunista Internacional”. Nosso Partido continua tendo como objetivo a criação de um polo marxista-leninista no Movimento Comunista Internacional. O KKE está ciente de que “o processo de reagrupamento revolucionário será lento, longo e vulnerável; basear-se-á na conquista da capacidade dos partidos comunistas de se fortalecerem em seu país em um nível político-ideológico e organizacional. Isto será alcançado pela superação das posições errôneas que predominaram no Movimento Comunista Internacional nas décadas anteriores e hoje são apresentadas sob novas formas. Construir alicerces sólidos na classe trabalhadora, em setores estratégicos da economia, fortalecendo sua intervenção no movimento operário-popular, “fortalecerá cada partido comunista, combinando a atividade revolucionária com a teoria revolucionária.

Segue vigente a consigna do Manifesto do Partido Comunista: “Proletários de todos os países, uni-vos!”

Comitê Central do KKE

Trechos da resolução do CC do KKE sobre as eleições legislativas

O fortalecimento da influência política do KKE nos bairros de trabalhadores, nas áreas industriais de centros urbanos mostra que o caminho para o fortalecimento do KKE na luta de classes e no Parlamento é a intervenção nas fábricas, nos centros comerciais, nas ruas com concentração de lojas pequenas, nos bairros populares (...) promovendo reivindicações orientadas para desafiar o sistema.

Os resultados das eleições legislativas, bem como das eleições europeias um mês atrás, refletiram uma nova correlação entre os partidos burgueses, com o caráterístico principal sendo a sua alternância no governo (...) visando a uma intervenção mais planejada, a fim de reforçar a governabilidade, com maior estabilidade perante os riscos futuros eventuais decorrentes da recuperação anêmica da economia capitalista e das contradições agudas imperialistas em nossa região e além dessa.

Os resultados eleitorais verificam, em certa medida, o descontentamento popular com o governo SYRIZA, que seguiu o percurso antipopular dos governos anteriores do ND e do PASOK (...) Isso permitiu ao ND e ao PASOK parecer como justificados, projetar cinicamente seu programa antipopular e a promoção mais rápida de reajustes antipopulares como necessidade

O ND aproveitou a política antipopular do SYRIZA e o descontentamento que provocou para retornar ao governo.

O SYRIZA serviu o estabelecimento capitalista, a UE, a NATO, da melhor maneira possível para eles (...) Ao mesmo tempo, o

SYRIZA continua a entrapar importantes populares na lógica duma gestão capitalista pretensamente mais «indolor», da “correção da UE», da «participação necessária» na NATO.(...)

A correlação de forças de classe permanece muito negativa, não apenas na Grécia, mas na Europa inteira e em nossa região sendo que o movimento operário-popular ainda não tem passado à fase duma contra-ofensiva mais dinâmica e maciça.

Os resultados das eleições registaram uma tendência de recuo conservador, no sentido de buscar soluções numa gestão supostamente melhor do sistema capitalista. Em amplos setores da população predominam expectativas diminuídas, sentidos de derrotismo e fatalismo. No entanto, muitos trabalhadores votam os partidos principais burgueses “com coração pesado”, sem entusiasmo e, o mais importante, sem a expectativa de que algo possa melhorar em suas vidas, mantendo a esperança mínima de «não piorar mais».

Hoje em dia, esses trabalhadores tem uma postura mais positiva em relação ao KKE, acompanham suas posições, refletem em torno delas, mesmo que ainda não estejam convencidos a dar um passo mais decisivo em frente. As posições do Partido atraíram interesse e consideração positivas, independentemente de si se expressassem com o voto ao KKE.

(...) O KKE vai aproveitar a força dos seus 300.000 votantes e os 5,3% que lhe deu o povo grego, com seus 15 deputados eleitos, para servir os interesses do povo. Tomando em

conta o peso particular da Ática para todo o país, consideramos positivo o aumento de votos na região da Ática tanto em relação às eleições europeias de maio de 2019 quanto às eleições parlamentares de setembro de 2015

O resultado do KKE foi alcançado num ambiente de polarização, chantagem, frustração, abstinência, e expectativas reduzidas que cultivaram não apenas o ND, mas também outras forças burguesas e oportunistas, apresentadas como «esquerdistas» e «socialistas».

(...) O voto ao KKE, mesmo quando expressa um escolha conjuntural, tem elementos de emancipação da política conservadora, de conflito com o estabelecimento. Particularmente para os jovens, é um voto que requer conhecimento da história do movimento revolucionário, em condições de correlação de forças negativa em nível mundial e duma escalada anti-comunista que visa subjugar a consciência da juventude e dos trabalhadores.

A força eleitoral do KKE sempre é condicionado pela luta de classes, sua ascensão ou recuo. E nessas condições, a estabilidade e a influência do KKE são fatores de importância particular.

Confirma-se que a consciência de classe não se desenvolve, automaticamente, através do empobrecimento relativo ou absoluto, da exploração, da piora dos problemas imediatos populares. É necessário a agitação acerca da resolução dos problemas assumir uma orientação que disputa o próprio sistema

PARLIAMENTARY ELECTIONS July 2019			
	%	VOTES	SEATS
KKE KKE	5.3%	299.518	15
ND New Democracy	39.85%	2.251.087	158
SYRIZA	31.53%	1.780.831	86
KINAL	8.10%	457.468	22
Greek Solution	3.70%	208.752	10
MeRA25	3.44%	194.237	9
NOTE			
New Democracy (conservative party)			SYRIZA (social-democratic party)
KINAL (social-democratic party)			Greek Solution (nationalist Party)
MeRA25 (social-democratic party)			

capitalista e não apenas um certo governo ou figura política.

(...) Agora, em condições de governo do ND, não ficaremos surpreendidos ao ver esforços pelo SYRIZA e do oportunismo para promover de novo “frentes contra a direita”, atacando o Partido e sua estratégia.

É positivo que a formação nazista criminosa da «Aurora Dourada» perde ainda mais votos e percentagem, ficando fora do Parlamento.

(...) O KKE lutará com todas as suas forças, dentro e fora do Parlamento, defendendo as necessidades populares contra o novo governo do ND e as novas ilusões que o Syriza e outros partidos burgueses vão cultivar. Protagonizará as lutas da classe operária e das camadas populares, contra a ofensiva do capital, da UE, da NATO. Organizará o contra-ataque, popular a fim de abrir o caminho para a verdadeira derrubada que levará a classe operária e o povo no poder.